



Saberes ecológicos na literatura brasileira contemporânea

Ecological knowledge in contemporary Brazilian literature

Dossiê: Literatura,
Natureza e Cultura

Angela Guida*

ORCID: 0000-0002-8948-646X

E-mail:
angelaguida.ufms@gmail.com

Gleidson André Pereira de Melo**

ORCID: 0000-0003-1302-598X

E-mail:
gandmelo@gmail.com

Recebido: 21/07/2025
Aprovado: 14/09/2025

Resumo:

Este artigo investiga como a literatura brasileira contemporânea articula saberes ecológicos em resposta à crise climática no Antropoceno, marcada pela exploração desenfreada dos recursos naturais e com impactos negativos que comprometem significativamente a estrutura da Terra. As consequências podem ser evidenciadas na repercussão de eventos climáticos extremos. A expressão “denúncia poética”, presente na obra de Prisca Agustoni, norteia a análise das obras literárias de Eliane Brum, Morgana Kretzmann, Daniel Galera, Natalia Polesso, Joca Terron e Paulinny Tort. Em diálogo com autores como Donna Haraway, Achille Mbembe, Malcom Ferdinand, Evando Nascimento, Ailton Krenak e Amitav Ghosh, o estudo reflete sobre como essas narrativas literárias lançam luz sobre desigualdades sociais, racismo ambiental, deslocamentos forçados e a relação entre humanos e não humanos. Ao abordar temas como refugiados climáticos e a lógica extrativista, este estudo apresenta perspectivas para (re)pensar a coexistência sob a ótica dos estudos ecocríticos e do “viver-com”.

Palavras-chave:

Literatura brasileira contemporânea; Ecocrítica; Denúncia poética; Refugiados climáticos; Racismo ambiental.

Abstract:

This article investigates how contemporary Brazilian literature articulates ecological knowledge in response to the climate crisis of the Anthropocene, which is characterized by the rampant exploitation of natural resources and the resulting negative impacts that significantly compromise the Earth's structure. The consequences can be evidenced in the repercussion of extreme weather events. The expression “poetic denunciation,” present in the work of Prisca Agustoni, guides the analysis of literary works by Eliane Brum, Morgana Kretzmann, Daniel Galera, Natalia Polesso, Joca Terron, and Paulinny Tort. In dialogue with theorists such as Donna Haraway, Achille Mbembe, Malcom Ferdinand, Evando Nascimento, Ailton Krenak, and Amitav Ghosh, the study reflects on how these narratives shed light on social inequalities, environmental racism, forced displacement, and the relationship between humans and non-humans. By addressing topics such as climate refugees and extractivist logic, this study offers perspectives to (re)think coexistence through the lens of ecocriticism and the concept of “living-with.”

*Mestre em Teoria Literária (UFJF), doutora em Ciência da Literatura/Poética (UFRJ) e pós-doutora em Estudos Literários (UFMG). Atua como docente na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS). Em suas pesquisas, prioriza saberes e relações transdisciplinares. Possui vários trabalhos na área de ecocrítica e zooliteratura, bem como orientações de mestrado e doutorado. Coordena o Grupo de Pesquisa Lumiar, vinculado ao CNPq.

**Doutor e pós-doutorando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/UFMS), na área de concentração em Literatura, Estudos Comparados e Estudos Interartes. É mestre em Ciências Biológicas, com ênfase em Entomologia, pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e membro do Grupo de Pesquisa Lumiar.

Keywords:

Contemporary Brazilian literature; Ecocriticism; Poetic denunciation; Climate refugees; Environmental racism.

Para todo lugar que olho, vejo espécies companheiras e naturezas-culturas emergentes

Donna Haraway

Para mim, a literatura é corpo, mas da forma como eu entendo corpo, como a floresta ensinou a entender. É um corpo em relação. Não existe esse corpo indivíduo, fechado. Nesse sentido, a literatura, por mais que ela seja tão autorial, é sempre coletiva. A literatura é meu corpo que precisa conversar com outros corpos, precisa estar em relação com outros corpos. Por isso, as palavras precisam fluir de mim, como um rio, que não pode ser barrado, porque quando barra, ele seca, eu seco.

Eliane Brum

1 Palavras de pórtico

Uma das mais vigorosas pensadoras da atualidade, a americana Donna Haraway, acredita na emergência de pensar natureza e cultura como um sintagma único: natureza-cultura. Quando pensadas separadamente, reforçam o binarismo destrutivo que tanto prejuízo tem causado à humanidade no decurso dos tempos, logo, natureza-cultura passa a ser uma possibilidade de conceito que se move na direção de um pensamento outro que se abre às relações, e não à construção de sujeitos, objetos e verdades já constituídos, i. e., move-se na direção das alteridades significativas (Haraway, 2021), que acreditam nas relações entre humanos e não humanos, no parentesco com outras formas de vida.

[...] a expressão “natureza-cultura”, nascida da implosão de duas palavras em uma, é o indicativo de algo a mais. [...] Essa divisão do mundo, como sabemos ambos, é incrivelmente destrutiva. E a base ideológica e filosófica de grande parte da destruição da Amazônia e muitos outros genocídios, apropriações e narrativas apocalípticas (Haraway, 2024, s/p).

Já faz algum tempo que estamos convivendo com as chamadas narrativas apocalípticas e, em parte, isso se deve, como apontado por Haraway, ao pensamento binarista que separa natureza e cultura. As consequências têm sido desastrosas e uma delas atende pelo nome de Antropoceno. A crise climática se configura como um dos principais impactos ambientais do Antropoceno. A Terra passou por grandes eras geológicas ao longo de sua história e agora estamos no que tem sido chamado de Era do Antropoceno. Não há consenso quanto ao uso dessa terminologia, mas ela vem ganhando espaço nas universidades, sobretudo nos cursos de Ciências Humanas. O Antropoceno é basicamente a alteração da Terra ocasionada por interferência do ser

humano. O termo foi cunhado no ano 2000 pelo químico Paul Crutzen para se referir ao período que teria começado no século XVIII (Revolução Industrial). “Esta época pode ser definida como tendo começado há cerca de dois séculos, coincidindo com o projeto de James Watt da máquina a vapor em 1784” (Crutzen, 2006, p. 13).¹ No Brasil, a expressão ganhou popularidade com o largo uso feito pelo ambientalista Ailton Krenak em seus livros e conferências. “O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno” (Krenak, 2019, p. 58).

A 28ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP28), realizada em Dubai, nos Emirados Árabes, em 2023, evidenciou a emergência climática e, como resultado, o relatório final apresentou propostas para a redução dos efeitos do aquecimento global por meio da implementação de energias alternativas, a fim de eliminar o uso de combustíveis fósseis, como o petróleo. No que diz respeito ao que foi discutido na COP28, Pedro Luiz Côrtes, professor da Universidade de São Paulo, à época, argumentou que “há muito mais uma preocupação dos países com a segurança energética, ampliando a exploração de petróleo, gás e carvão, do que com os efeitos da mudança climática” (Côrtes, 2023, s/p).² Imersos nessa complexidade de interesses políticos e econômicos, surgem importantes questões ambientais presentes na literatura que podem não apenas testemunhar as formas de exploração da natureza que afetam diretamente populações ao redor do mundo, especialmente aquelas que vivem em locais mais suscetíveis às consequências de severos impactos ambientais, mas também abordam o modo cotidiano de vida de personagens em conexão com o seu lugar e a natureza, ocasionando uma geração de refugiados climáticos.³

Refugiados climáticos, obrigados a deixar suas terras arrasadas por secas ou inundações. A massa de imigrantes de diferentes países da América Central que rumaram para a fronteira com os Estados Unidos no final de 2018 pode ter sido a primeira grande marcha da diáspora climática. Quando jornalistas aprofundavam suas perguntas, em muitos casos eram as grandes secas que estavam na raiz do êxodo. É então, pela transfiguração do clima, vinham a fome, a miséria e a violência, causa imediata para hordas de pessoas abandonarem suas casas e seus países, mas não a causa primária (Brum, 2021, p. 342).

¹ Texto original: *This epoch may be defined to have started about two centuries ago, coinciding with James Watt’s design of the steam engine in 1784.*

²A COP29 foi realizada em Baku, Azerbaijão, no ano 2024, e foi marcada por pautas voltadas para investimentos financeiros a serem destinados à transição energética e, por consequência, alcançar as metas de redução do aquecimento global. Com perspectivas otimistas, a COP30, em 2025, no Brasil, segue com pautas em investimentos ainda mais elevados. Dessa vez, com olhares que perpassam pela transição energética e pela proteção das florestas, uma vez que o evento, com sede em Belém, em pleno coração amazônico, busca, além de sensibilizar, encontrar soluções em pautas na sustentabilidade com um olhar mais atento aos povos das florestas e populações vulnerabilizadas em consequência de eventos climáticos extremos em escala planetária.

³O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), uma entidade da ONU que lida com questões migratórias, na abertura da COP 30, no dia 10 de novembro de 2025, em Belém, apresentou dados preocupantes do que diz respeito aos refugiados climáticos. No relatório *No Escape* (Sem Escapatória), responsável por cartografar o impacto da emergência climática sobre deslocamentos forçados, foram registrados, nos últimos dez anos, mais de 200 milhões de deslocamentos internos. A tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul, em 2024, integra essa estatística. Nas palavras de Filippo Grandi, alto comissário da ONU, “No mundo todo, as condições meteorológicas extremas estão colocando em maior perigo a segurança das pessoas. Elas interrompem o acesso a serviços essenciais, destroem lares e meios de subsistência, e forçam famílias — muitas das quais já fugiram da violência — a fugir novamente. São pessoas que já sofreram perdas imensas e que agora enfrentam novamente as mesmas dificuldades e devastação. São as mais afetadas pelas graves secas, inundações mortais e ondas de calor sem precedentes, mas são as que têm menos recursos para se recuperar. No entanto, a maioria dos planos nacionais para o clima continua a ignorar os refugiados e outras pessoas deslocadas, bem como as comunidades que os acolhem.” Disponível em: <https://migramundo.com/na-abertura-da-cop-30-acnur-e-oim-pedem-acoas-concretas-de-apoio-a-deslocados-forcados-pela-crise-climatica/>. Acesso em 10 de novembro de 2025.

Achille Mbembe argumenta que as guerras e as devastações ecológicas estão intimamente relacionadas à “crise dos refugiados”, pois uma afirma a outra, retroalimentam-se numa política de morte. “As guerras são fatores de crises ecológicas, e uma das consequências das crises ecológicas é fomentar guerras” (Mbembe, 2023, p. 191). Guerras que, às vezes, são contra o apagamento das memórias. Cidades inteiras, povoados, comunidades desaparecem para que indústrias petrolíferas ganhem corpo, barragens e hidrelétricas ganhem vida às custas de vidas humanas e não humanas. Só no Brasil, são vários os exemplos, sendo o mais recente o que Eliane Brum chama de “refugiados de Belo Monte”.

Até os ossos do seu pai se perderam, sepultado no exato ponto em que décadas depois seria erguido o paredão de Belo Monte. E então Otavio descobriu que um corpo, o do seu pai, poderia ser ao mesmo tempo perdido, esmagado e afogado. E assim também o pai morto já não tinha mais nem lugar nem matéria. Eu volto para aquela casa que jamais será casa, a de nosso primeiro encontro em Altamira. Otavio e o filho Francisco estão apontando para a própria geografia. Desenham um mapa nos ossos, na carne e na pele. Contam a história de cada cicatriz. Otavio já tão frágil, tão pequeno, um homem encolhendo no lado de fora de si, teria ainda que fazer do seu corpo um túmulo para o pai (Brum, 2021, p. 86-87).

Em 2020, a artista visual Marilene Ribeiro fez um ensaio fotográfico intitulado *Cama de Baleia*, em que discutiu, por meio da fotografia, a condição de refugiados ambientais oriundos da construção de diferentes hidrelétricas por todo o país. “Quando os ribeirinhos abandonam compulsoriamente suas casas para não morrerem afogados, estão deixando para trás não somente aquele espaço físico como também tudo que ele representa imaterialmente para essas pessoas” (Ribeiro, 2022, p. 1).

O que pode a literatura no cenário amargo das degradações ambientais na era do Antropoceno? Aliás, a literatura pode fazer alguma coisa nesse sentido sem cair no fácil lugar de salvadora do mundo? A poeta Prisca Agustoni, ao reescrever, por meio de versos, as tragédias ambientais de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), diz fazer uma “denúncia poética”. Que peso tem uma “denúncia poética”? O que é possível fazer diante de tantas catástrofes ecológicas sustentadas por um extrativismo sem medidas? O que tantas tragédias ambientais que têm acontecido recentemente no Brasil e ao redor do mundo podem nos ensinar acerca da nossa relação colonizadora e extrativista com o Planeta? É possível construir um saber ecológico diante do Capitaloceno, que é sustentado por um extrativismo sem medidas? Lá na década de noventa, Glotfelty (1996, p. 19) já se perguntava – “De que maneiras e com que efeito a crise ambiental está se infiltrando na literatura contemporânea?”. Essas são algumas das questões que movimentam esta escrita ecológica...

2 A literatura não salva o mundo...

A escritora Sigrid Nunez, ao ser questionada sobre a relevância da literatura diante de cenários de catástrofes, diz não acreditar que a literatura possa mudar o mundo, tornando-o um lugar mais ético ou justo – “não acredito que a literatura possa mudar o mundo. O que romancistas podem fazer é explorar e iluminar o que está acontecendo no mundo em um dado momento histórico” (Nunez, 2022, p. 7). Mas explorar e iluminar o que está acontecendo no mundo em um dado momento histórico não pode causar alguma mudança, ainda que mínima? Como é possível jogar luz sobre algo e nada acontecer? Na literatura brasileira contemporânea, é possível vislumbrar um movimento em direção a pautas que dão visibilidade a temáticas ambientais, o que não é diferente de literaturas produzidas em outros países, portanto, não dá para ignorar que se trata de um grande fecho de luz que diz alguma coisa do momento em que estamos vivendo. Será que nada vai ficar desse momento histórico?

Às produções com essas características, tem-se dado o nome de ficção climática ou ficção ambiental. Amitav Ghosh em *O grande desatino*, diz que durante muito tempo a chamada “literatura séria” se esquivou de olhar para temas dessa natureza e os deixou nas mãos das produções de ficção científica, porque pareciam algo muito distante de nós, muito improváveis, logo, não pertenciam ao chamado mundo real, mas sim, a um mundo fantasioso. Cita alguns exemplos de eventos climáticos tidos como improváveis, como o furacão Sandy, em Nova York, no ano de 2012, que gerou tanta destruição, porque não se esperava que chegasse até lá; ou o furacão Catarina, no Brasil, em 2004 (sul de Santa Catarina e litoral Norte do Rio Grande do Sul), porque também era improvável sequer imaginar furacões no Brasil. No entanto, quando se trata de aquecimento global, o improvável e o “sem precedentes” vêm ganhando cada vez mais espaço.

Esta, portanto, é a primeira das muitas formas como a era do aquecimento global desafia tanto a ficção literária quanto o senso comum contemporâneo: os eventos climáticos da nossa época têm alto grau de improbabilidade. Não é fácil acomodá-los ao mundo deliberadamente prosaico da ficção séria em prosa.

[...]

É como se, na imaginação literária, as mudanças climáticas fossem de alguma forma semelhantes a extraterrestres ou viagens espaciais (Ghosh, 2022, p. 34).

Ghosh argumenta que há certo descompasso entre escritores que na vida pessoal são ativistas do clima, como é o caso dele mesmo, e na vida literária parecem não dar conta de ficcionalizar os extremos climáticos. “[...] Será que as correntes do aquecimento global são violentas demais para que possamos navegá-las nas barcas habituais da narração? [...] Em meu próprio trabalho, o tema aparece na minha ficção apenas indiretamente” (Ghosh, 2022, p. 14-15). No entanto, na ocasião das inundações do Rio Grande do Sul, que aconteceram em maio de 2024, ao ser procurado por um jornal brasileiro, o escritor e ativista indiano disse que tem observado uma mudança significativa na ficção contemporânea desde a época em que lançou *O grande desatino*, há quase dez anos (lançado na Índia em 2016, foi traduzido e publicado no Brasil em 2022). Mas não deixa de criticar o

que ele denomina de “ecossistema literário” que, em sua leitura, ainda se revela tradicional e conservador, que segue os padrões europeus de literatura idealizados no século XIX (narrativas centradas no indivíduo), o que demonstra certo descompasso com as tragédias climáticas, que necessitam de um olhar para além do próprio umbigo.

Prisca Agustoni, em 2023, ganhou o Prêmio Oceanos na categoria poesia, com o livro *O gosto amargo dos metais*, em que reescreve, por meio de versos, o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho. A poeta diz que seus versos são uma “denúncia poética”, que o livro se impôs a ela a partir do impacto de imagens por demais terríficas. Uma denúncia de tantas vozes que foram sufocadas pela lama sangrenta da mineradora Vale na queda das duas barragens, em Minas Gerais, ocasionando um desastre ambiental de proporções gigantescas, com consequências para vidas humanas e não humanas. Assim, seus versos ecoam o silêncio de vozes humanas e vozes não humanas, vozes do rio *Watu* (nome indígena para o rio), das plantas, dos animais; vozes das distintas formas de vida perdidas... deixando todos na espera... mães, mulheres, irmãos, irmãs, cães, homens reunidos que choram juntos, que se dão as mãos, que choram sozinhos... que esperam...

É um movimento que me levou à palavra poética. É uma tentativa de cavar, desde dentro dessa multidão de resíduos, de restos, de cadáveres inclusive da natureza, de tirar esse monte de lama e ver o que podemos encontrar ali, ainda de humano, e que possa comover (Agustoni, 2023, s/p).

) estou aguardando que meu filho saia do barro,

dizia o pedreiro sentado no chão,
as mãos no colo em materna rendição

não se sabe quanto tempo ele espera,
imóvel perto do rio perdido

aos poucos a espera faz do seu corpo
um arbusto seco na paisagem

um lento ruir do humano na pedra
na arquitetura de uma aldeia arrasada (Agustoni, 2022, p. 60).

Nas palavras de Malcom Ferdinand, as vítimas de Mariana e Brumadinho já haviam sido abandonadas muito antes dos dois eventos trágicos de 2015 e 2019, quando o Estado permitiu que aquelas pessoas vivessem em lugares com riscos de tragédias ambientais. “Na maioria das vezes, esses eventos limpam o terreno para o que chamo de “capitalismo de desastre” ou “furacão colonial”. São catástrofes que prejudicam muitos, mas garantem os lucros de alguns poucos” (Ferdinand, 2022a, s/p).

Morgana Kretzmann é uma escritora gaúcha contemporânea que, em 2024, publicou *Água turva*, romance que, logo após as enchentes de maio de 2024, no Rio Grande do Sul, foi lido por alguns como um romance premonitório, no entanto, não há nada de premonição. O que alguns veem como premonição nada mais é do que as consequências das ações humanas sobre a Terra, ou seja, a era do Antropoceno em plena atividade. Em maio, Salto Yucumã,

que fica no Parque do Turvo, sumiu na inundação, mas em 2021 ele estava ameaçado de desaparecer na ficção de Kretzmann por causa da construção ilegal da hidrelétrica Gran Roncador. O romance explora as consequências da crise climática sob várias nuances, como as constantes reclamações de personagens acerca de altas temperaturas fora de época. “A temperatura passa dos trinta e oito graus, o que é atípico no Rio Grande do Sul nessa época. Abre os vidros” (Kretzmann, 2024, p. 66).

Empresários e políticos envolvidos na caça, compra e venda de carnes de animais silvestres são os mesmos que estão implicados na falsificação de documentação e no superfaturamento da barragem da Hidrelétrica Binacional Gran Roncador – um projeto que o atual governo federal insistiu em tirar da gaveta desde que assumiu a presidência. Por inúmeras irregularidades, entre elas um falso e enganoso estudo de impacto ambiental (EIA) que diz que o salto do Yucumã, o maior salto longitudinal de queda d’água do mundo, não seria atingido. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto com universidades locais, mostram EIAs totalmente diferentes, conforme consta no artigo, provando que um verdadeiro crime ambiental irá acontecer se a Gran Roncador for construída (Kretzmann, 2024, p. 226).

Em *O deus das avencas* (2021), nas três novelas que compõem o livro, Daniel Galera também nos apresenta um cenário em ruínas que, de forma direta ou indireta, está ligado à temática da crise ambiental de que fala Glotfelty. Na primeira novela, um casal, à espera da vinda do primeiro filho, crê que trancados no apartamento estarão protegidos de tudo, inclusive de desastres climáticos – “Pelo menos na cabeça dele, afloravam de vez em quando cenários especulativos de caos social, desastre climático [...] forçando-os a uma reclusão heroica e hedonista no aconchego do lar” (Galera, 2021, p. 16). Na novela “Tóquio”, a segunda do livro, a cidade de São Paulo é o cenário no qual personagens sobrevivem a um desastre tecno-ambiental, uma oportunidade para Galera abordar temas relevantes na ordem do dia no que diz respeito a possíveis impactos no cotidiano em virtude das mudanças climáticas e apontar formas de minimizar esses danos, como a prática da aquaponia (agricultura urbana), atividade exercida por um dos personagens.

Fiz um curso de seis meses em Santa Rosa, na Califórnia, onde técnicas avançadas de aquaponia urbana estavam sendo desenvolvidas para garantir a subsistência de pelo menos parte da população num território devastado por incêndios e temperaturas acima dos cinquenta graus (Galera, 2021, p.137).

Por fim, “Bugônia”, a terceira novela, sinaliza para a esperança de que fala Donna Haraway na construção de relações multiespécie. “Bugônia” aponta para um futuro multiespécie ao revelar, num cenário pós-apocalíptico, em que humanos podem viver em equilíbrio com não humanos, no caso as abelhas, por causa da produção do necromel, um tipo especial de mel, advindo de cadáveres e que garante a vida de todos. “As ovelhas, as plantas, as abelhas, as pedras, as bactérias, os humanos, todos sabem disso e funcionam de acordo” (Galera, 2021, p. 231).

Quem também dialoga com as abelhas pela via nada doce dos colapsos ambientais é Natalia Borges Polesso. Em *A extinção das abelhas* (2021), a escritora gaúcha evidencia o colapso em todas as suas dimensões e a ambiental é uma delas. Os dramas pessoais das

mulheres do romance – Regina, Eugênia, Denise, Paula, Aline, entrecruzados com o drama da extinção das abelhas, são o fio desta narrativa contemporânea que também se afina com os dilemas ambientais do nosso tempo.

Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza” e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização. Sim, essas foram as declarações. Vai saber. Se estão fazendo, não tá chegando pra todo mundo. O que chega é podre de veneno. E o que não tem veneno é só podre ou caro. Não tem mais semente também. Quer dizer, tem, mas não em tudo. Tem abelha onde tu tá? E semente? Onde tu tá, caralha? Aí tu também ouve a palavra colapso todos os dias?

[...]

No dia que anunciaram o colapsômetro como “medida de proteção e segurança planetária”, eu ri e chorei. Montaram um circo em Davos, a gente acompanhou pelas redes.

[...]

Eu tinha combinado de ir ao cinema com a Paula, uma coisa banal, um pequeno alento. Mas a primeira coisa que ela disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizaram temperaturas nem o derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro” (Polesso, 2021, p. 20-21, 28-30).

O cenário de *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Terron, é outra obra contemporânea da literatura brasileira, que também se movimenta na direção da “denúncia poética” de ações que, de uma forma ou de outra, trazem algum tipo de prejuízo ao planeta, como é o caso da destruição da Amazônia, tema do romance de Terron, que desterritorializa os indígenas Kaajapukugi. Os últimos 50 remanescentes indígenas da etnia fictícia Kaajapukugi buscam refúgio em Oaxaca, no México.

Os kaajapukugui pediram refúgio, levando todos os seus sobreviventes, pois o meio ambiente de onde eram nativos, a Amazônia, estava morto, e vinham sendo caçados com determinação pelo Estado e pelos seus agentes de extermínio: garimpeiros, madeireiros, latifundiários e seus capangas habituais, policiais, militares e governantes (Terron, 2019, p. 13-14).

Retomamos a questão posta por Glotfelty, não mais para indagar de que maneira a crise climática e as questões de degradação ambiental estão se infiltrando na literatura contemporânea, mas sim para nos questionarmos: o que fazer com essa presença? Ou melhor, de que maneira essa presença na forma de “denúncia poética” pode contribuir para a construção de um saber ecológico? O lugar de onde falamos é a literatura, assim, ao pensarmos literatura e ecocrítica, estamos pensando na relação entre literatura e ecologia e nas implicações dessa relação. Uma vez mais, retomamos a fala de Prisca Agustoni – uma “denúncia poética” uma denúncia que possa, acima de tudo, “comover”. Diríamos mais: que possa criar zonas de sensibilidade que, enfim, sejam capazes de conduzir a ações efetivas. Não é só perceber que determinadas obras literárias dialogam com temáticas ambientais, mas o que pode surgir a partir desse diálogo é que é a grande questão a ser posta. Para esse propósito, selecionamos o livro de contos de Paulinny Tort, *Erva brava* (2021), que transita no cenário de uma pequena cidade fictícia – Buriti

Pequeno – no coração do Brasil, Goiás, em que os doze contos combinam narrativas que caminham por saberes ecológicos e ancestrais, agronegócio, monocultura da soja e desastres ambientais, com especial destaque para o conto “Rios voadores”, em diálogo com as reflexões em torno do Antropoceno e dos estudos de ecocrítica.

3 Tempestades e vulnerabilidades sociais: a ecocrítica em “Rios voadores”

“O Cabelo das almas”, conto que integra *Erva brava*, em uma única frase uma das personagens resume o que representa o agronegócio diante do pequeno produtor. Trata-se da fala de Rita quando sai do sítio onde vivia e que fora vendido pelo marido para produtores de soja. “Então onça não tem mais, ela pensa, sentindo de repente que *tem mais medo da soja que dos bichos*” (Tort, 2021, p. 20, grifo nosso). O grande felino que tanto aterroriza as pessoas, perde seu poder de assustar diante do estrago que a soja faz no cotidiano dos pequenos produtores, como foi no caso da família de Rita, que “entregou” seu pequeno sítio ao agro. Em “Má sorte”, Ezequiel, trabalhador de uma fazenda de soja, cai no silo dos grãos e é engolido por eles, ironicamente alguém que não lucra com os benefícios milionários do grão... “A soja quer mastigá-lo, engoli-lo, o que é irônico porque você nunca provou desses carocinhos, não faz ideia do gosto que têm nem conhece quem os tenha provado” (Tort, 2021, p. 34).

Na maioria dos contos de *Erva brava*, há um fio que os une: um rio (também fictício) – Amanaçu. Ao longo das narrativas, todas as referências feitas ao rio Amanaçu destacam sua degradação mais absoluta, tanto é que no último conto – “Rios voadores” –, depois de uma intensa chuva e de ser tão maltratado, não é de se espantar que se encerre com uma enxurrada devastadora que causa um grande desastre ambiental em Buriti Pequeno. O personagem Tônico, no conto “Como nascem os sinos”, prenuncia o futuro de Buriti Pequeno pela sujeira do rio. Diante do estado de degradação do rio Amanaçu, Tônico vê a cidade desaparecer, fato que se concretiza com a enchente.

São cinco espectros que se movem perto do rio, onde a água avança sobre a terra escura, gorgolejando em copos de plástico quebrados e embalagens desbotadas de batata frita. Os espectros, indiferentes à noite, indiferentes ao lixo, se confundem com a escuridão.

[...]

O rio Amanaçu agora fede, às vezes mais que fossa. Ficou assim depois das granjas de galinha e de porco, que despejam o mingau dos esterqueiros na água (Tort, 2021, p. 10).

O rio corre junto ao muro da loja de maquinários agrícolas, ao terreno da antiga escola, diminuído pela cidade que cresce em torno dele desde aqueles tempos, devagar, mas ferozmente, como um tumor. Éramos umas bestas, mas pelo menos nadávamos nesse rio. Minha nossa, como nadávamos nesse rio! Ele se vê de bermudas saltando das pedras, o corpo girando no ar e mergulhando na água, os lambaris assustados, os amigos saltando atrás, seguidos por meninas que se molhavam mansas até a cintura, algumas a carregar irmãos menores, enquanto as lavadeiras trabalhavam na outra margem, com suas tinas de roupas e suas pedras de

sabão. Mas agora acabou, o que sobrou foi essa água podre, esse esgoto. Tonico fecha os olhos, comprime os lábios murchos, treme voluntariamente as mãos. *Essa cidade ainda vai desaparecer, ele diz por entre os dentes* (Tort, 2021, p. 25-26, grifo nosso).

A cidade e o rio de Tort são uma ficção, mas, lamentavelmente, tantos desastres ambientais que têm acontecido recentemente em decorrência de enchentes, não o são; pelo contrário, são um problema cada vez mais comum à realidade brasileira em diferentes partes do país e, a cada ano, deixam muitas famílias num vazio sem fim... vão-se casas... vão-se vidas... vão-se sonhos... e, ainda assim, há quem não consiga ver relação entre grandes enchentes e a crise climática, há quem não consiga ver enchentes como problemas de ordem ecológico-ambiental. No ambiente ficcional de Erva brava, as narrativas foram associadas às tempestades como consequências dos rios voadores da Amazônia, expondo as diferenças sociais da população impactada pelo grande volume de chuvas que caiu na região e fez transbordar o rio Amanaçu.

Rios voadores da Amazônia são vitais por conduzirem umidade para a região central, Sudeste e Sul do Brasil. Conforme elucida Antonio Nobre, a exemplo da região de São Paulo, que está na mesma faixa de latitude dos desertos do Atacama no Chile, Kalahari no continente africano e Outback na Austrália, não é caracterizada como deserto “por conta da Amazônia que produz os rios voadores e da Cordilheira dos Andes” (Nobre, 2020, s/p).

José A. Marengo e Carlos Souza Junior esclarecem sobre a importância da Amazônia em relação a esse fenômeno natural, pois “novas evidências mostram, sem sombra de dúvida, que a Amazônia funciona como o coração da América do Sul em relação a um dos recursos do qual a vida é diretamente dependente, a água” (Marengo; Souza Junior, 2018, p. 4).

A chegada das tempestades em Buriti Pequeno evidenciou as condições ambientais do rio Amanaçu, cujas águas malcheirosas denotaram sinais de um corpo d’água em estado crítico de decomposição, um prenúncio de sua morte, provavelmente devido às pressões causadas pelos despejos de agentes poluentes provenientes da produção agrícola da região. Com efeito, o impacto da enxurrada do rio recaiu diretamente sobre a população local:

Depois de meses de estiagem, chegaram da Amazônia os rios voadores. Com eles as tempestades. Sem trégua, durante três dias e três noites, a chuva caiu, encharcando a mata e a cidade [...] E de uma velocidade impressionante, a enxurrada. [...] Na vila, o Amanaçu aguarda na iminência do transbordamento [...] até que a água malcheirosa extravasa e avança sobre o chão de pedras; o rio não é mais rio. Alcança as primeiras casas, as lojas de comércio, a delegacia e o prédio da prefeitura, dando início à debandada geral, com as pessoas tentando salvar objetos pessoais, documentos, mercadorias (Tort, 2021, p. 92-93).

Questionamos se o evento climático extremo que aconteceu em Buriti Pequeno seria apenas uma das consequências das mudanças climáticas que estão se agravando no cenário global ou se simplesmente se refere a um período típico da estação do ano na região

Centro-Oeste do Brasil? E o que têm a ver os rios voadores da Amazônia com as enchentes que “castigaram” a pequena cidade do interior, deixando a maior parte da população em estado crítico de atenção?

Refletimos sobre a possibilidade de o evento climático que atingiu a cidade e provocou enchentes no rio Amanaçu estar associado às pressões ambientais desencadeadas no Antropoceno, pois estamos vivenciando um momento marcado por adversidades climáticas provocadas pelas atividades humanas que vêm afetando a biodiversidade, causando a diminuição das florestas e tornando o planeta muito mais quente, e provavelmente mais úmido e tempestuoso, conforme elucidam Will Steffen, Paul Crutzen e John McNeill:

As atividades humanas tornaram-se tão generalizadas e profundas que rivalizam com as grandes forças da Natureza e estão empurrando a Terra para uma planetária terra incógnita. A Terra está rapidamente se movendo para um estado menos biologicamente diverso, menos florestado, muito mais quente, e provavelmente mais úmido e tempestuoso (Steffen; Crutzen; McNeill, 2007, p. 614).⁴

Em períodos excessivos de estiagem, especialmente nos corredores por onde os rios voadores são conduzidos, a própria região amazônica vem sofrendo com a intensidade da seca, possivelmente associada ao encolhimento das florestas devido às queimadas, ao desmatamento para dar espaço ao agronegócio, à exploração de minerais e à extração de madeira, por exemplo. Em uma referência ao termo “combustão do mundo”, Achille Mbembe argumenta que “a Terra está em constante contração. Como um sistema finito em si mesmo atingiu seus limites [...] Na realidade, é o próprio sistema de suporte de vida da Terra que está sendo afetado, e com ele, talvez a capacidade dos humanos de produzir história com outras espécies” (Mbembe, 2022, p. 25-26). De resto, esse conjunto de fatores afeta não apenas o clima, mas impacta comunidades tradicionais que dependem dos recursos das florestas e as famílias que vivem nas bordas das encostas de morros e margens de rios. Essas comunidades, por vezes negligenciadas, são as mais impactadas com os efeitos extremos da crise climática.

O ambiente marcado pela enchente do Amanaçu revelou aspectos peculiares dos costumes locais, os quais representam diversas culturas com traços marcantes no modo de vida e no “habitar”, sobretudo no interior do Brasil:

Nos recintos dessas casas, os espelhos estão cobertos por pedaços de pano para que não atraíam raios. Como a energia acabou, as mulheres aproveitam da mesma vela para rezar e iluminar a casa. Pensam nas galinhas poedeiras que estão nos quintais, nas codornizes, nos canários das gaiolas, se sobreviverão à enchente (Tort, 2021, p. 93).⁵

⁴Texto original: *Human activities have become so pervasive and pro-found that they rival the great forces of Nature and are pushing the Earth into planetary terra incognita. The Earth is rapidly moving into a less biologically diverse, less forested, much warmer, and probably wetter and stormier state.*

⁵Uma das práticas mais antigas consiste no aprisionamento de animais silvestres, como os canários-da-terra (*Sicalis flaveola*). Conforme a Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, somam-se 38 milhões de animais retirados da natureza todos os anos (RENTAS, 2024, s/p).

Por meio da relação com o significado do termo “Habitar”, Greg Garrard reforça a ideia de que não estamos apenas de passagem pela Terra, e neste sentido, o “Habitar” não é um estado transitório; pelo contrário, implica a imbricação de longo prazo dos seres humanos em uma paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho” (Garrard, 2004, p. 108).⁶ Somam-se às tempestades que devastaram a pequena cidade, a falta de infraestrutura do lugar e as condições de vulnerabilidade social das comunidades pobres que vivem em locais sujeitos a enchentes. Essas diferenças sociais podem ser observadas quando os mais ricos da cidade são privilegiados ao buscar um novo local para se salvarem:

Um pouco antes da chegada da tromba, uma caravana de caminhonetes se deslocou para a entrada da cidade. Alguns motoristas ainda aguardam parados perto do trevo, mais cinco caminhonetes, incluindo a do prefeito, já partiram em direção às fazendas. [...] O padre sempre comenta que um trator só tratora, já o ser humano pode planejar o plantio, arar, adubar, semear, colher; não há máquina melhor que as mãos do homem. Mas só os que tem dinheiro – e pouco usam as mãos para trabalhar – puderam se safar da tromba que devasta a cidade (Tort, 2021, p. 95-96).

A esse contexto no qual são claramente evidenciadas as desigualdades sociais, acrescenta-se o termo “Capitaloceno”, definido por Jason Moore, pois as ações humanas capazes de modificar a estrutura da Terra são “geralmente chamadas de Antropoceno (Era do Homem), mais precisamente intitulada como Capitaloceno (Era do Capital)” (Moore, 2015, p. 57).⁷ Ailton Krenak enfatiza que “isso que as ciências políticas e econômica chamam de capitalismo teve metástase, ocupou o planeta inteiro e se infiltrou na vida de maneira incontrolável” (Krenak, 2020, p. 44). Vivenciamos um processo de disseminação global do capitalismo predatório que não apenas se manifesta como um sistema econômico, mas como uma força que atravessa todas as formas de vida e reflete diretamente nas populações mais pobres do planeta.

O termo “desenvolvimento sustentável” frequentemente é utilizado como uma máscara para a expansão desenfreada do capitalismo, causando impactos devastadores que afetam a estrutura física e biológica da Terra e interferem no modo de vida humano. Enrique Leff argumenta que a abordagem dominante em relação ao meio ambiente, baseada na racionalidade “teórico-instrumental-econômica”, está levando a humanidade em direção a uma crise de insustentabilidade ambiental:

O ambiente emerge na exterioridade da racionalidade envolta nos princípios do Um e do Universal, da redução da diversidade do ser a homogeneidade do modo tecnológico de apropriação da natureza: do domínio da racionalidade teórico-instrumental-econômica que fechou suas fronteiras ensimesmando-se em sua unidade, exterminando a vida, constringendo a diversidade, subordinando a diferença originária a partir da qual o pensamento humano fez despencarem os cursos da vida de sua evolução criativa em direção ao abismo da insustentabilidade ambiental (Leff, 2021, p. 25).

⁶Texto original: *‘Dwelling’ is not a transient state; rather, it implies the long-term imbrication of humans in a landscape of memory, ancestry and death, of ritual, life and work.*

⁷Texto original: *This is usually called the Anthropocene (“Age of Man”), but is more accurately called the Capitalocene (“Age of Capital”).*

Investimentos concebidos por empresas de grande porte frequentemente resultam na degradação do ambiente natural, na perda de biodiversidade e na exploração das populações locais, evidenciando as desigualdades e agravando os problemas sociais e ambientais. Leff ainda ressalta que o planeta está em uma fase de *morte entrópica*, um termo derivado da termodinâmica que interpreta a entropia como uma medida da irreversibilidade dos processos físicos (Borges, 1999, p. 455). Assim como o termo “desenvolvimento sustentável” está intrinsecamente relacionado ao mascaramento da expansão capitalista, Malcom Ferdinand esclarece que “os termos ‘Homem’ ou ‘ánthrōpos’ mascaram a pluralidade dos humanos, colocando em cena homens e mulheres, ricos e pobres, brancos e não brancos, cristãos e não cristãos, doentes e saudáveis” (Ferdinand, 2022b, p. 25).

Considerando as consequências climáticas sofridas em Buriti Pequeno, ao contextualizar o momento de desespero da população mais afetada, não se faz distinção entre humanos e animais que, em um momento de busca pela sobrevivência, os mais adaptados às condições extremas se sobressaem com êxito:

[...] os ratos nadam lado a lado com os homens e nesse momento são tão parecidas as duas espécies que não existe entre elas qualquer animosidade. Aos ratos, nesse dia, é permitido viver. Homens e mulheres choram por toda parte, choram por suas camas e colchões, por suas geladeiras e roupas, pela noite que se avizinha sem teto. Onde dormirão? (Tort, 2021, p. 94).

Humanos e não humanos compartilham de uma mesma condição de sobrevivência. Nessa conjuntura, na qual discutimos questões relacionadas ao Antropoceno, que inclui o Capitaloceno, destacamos o Chthuluceno para apresentar uma nova abordagem para o nosso tempo de permanência na Terra, definido por Donna Haraway como sendo “compostos narrativos de multiespécies e de práticas contínuas de se-tornar-com em tempos que permanecem em jogo, em tempos precários, em que o mundo não está acabado e o céu ainda não caiu. Estamos em cena uns para os outros” (Haraway, 2016, p. 55).⁸ Essa abordagem está em consonância com Evando Nascimento, ao afirmar que: “em síntese a definição mesma do humano, se há, só pode ser obtida na modulação de *coexistência*, do *viver-com*, da relação dos viventes entre si e destes com os não viventes, e não de forma antropocêntrica pela afirmação do cogito individual” (Nascimento, 2021, p. 81). Torna-se evidente como os seres humanos coexistem com outros seres vivos e com o ambiente não vivo, e a importância de não centralizar essa visão na individualidade humana e no pensamento isolado, mas sim nas conexões com outros seres vivos e com o meio ambiente físico.

Quando as tempestades chegaram em Buriti Pequeno, a cobertura vegetal do Morro da Baleia foi atingida pela força das águas, conforme descrito: “pudera ele ver o que vemos, o Morro da Baleia se desmanchando, já sem as primeiras camadas de terra. Há pouco, as

⁸ Texto original: a compound of stories and multispecies practices of becoming-with in times that remain at stake, in precarious times, in which the world is not finished and the sky has not fallen—yet. We are at stake to each other.

árvores começaram a cair. Cagaiteiras, tinguizeiros, ingazeiros, uma sucupira preta. Muitos bichos, encolhidos nos desvãos da mata, sentem fome, muita fome” (Tort, 2021, p. 93-94). Nessa passagem, evidenciamos a perda de árvores nativas da região do Cerrado brasileiro e o sofrimento dos animais com o acontecimento. Ao mesmo tempo, a fala revela um sentimento de *coexistência* e do *viver-com*, além de destacar a importância conferida não apenas à espécie humana. A interdependência por um ambiente ecologicamente equilibrado, comum a todos os seres vivos e não vivos, reflete tanto o pensamento segundo o qual *estamos em cena uns para os outros*, apresentado por Haraway, quanto ao pensamento mencionado por Nascimento, o da *coexistência* e do *viver-com*.

A respeito das comunidades que mais são afetadas em casos de calamidades, como as que foram retratadas em Buriti Pequeno, ressaltamos o racismo ambiental, uma das principais questões abordadas nos estudos ecocríticos e pode revelar injustiças que acentuam as desigualdades sociais, conforme elucida Selene Herculano:

Diz respeito a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico: o que recai sobre suas etnias, bem como sobre todo grupo de populações ditas tradicionais – ribeirinhos, extrativistas, geraizeiros, pescadores, pantaneiros, caiçaras, vazanteiros, ciganos, pomeranos, comunidades de terreiro, faxinais, quilombolas etc. – que têm se defrontado com a ‘chegada do estranho’, isto é, de grandes empreendimentos desenvolvimentistas – barragens, projetos de monocultura, carcinicultura, maricultura, hidrovias e rodovias – que os expõem de seus territórios e desorganizam suas culturas, seja empurrando-os para as favelas das periferias urbanas, seja forçando-os a conviver com um cotidiano de envenenamento e degradação de seus ambientes de vida. Se tais populações não-urbanas enfrentam tal chegada do estranho, outras, nas cidades, habitam as zonas de sacrifício, próximas às indústrias poluentes e aos sítios de despejos químicos que, por serem sintéticos, não são metabolizados pela natureza e portanto se acumulam (Herculano, 2008, p. 16).

Por meio do termo racismo ambiental, Selene Herculano destaca uma forma específica de desigualdade e injustiça ambiental que afeta grupos humanos que vivem em condições específicas. Ao analisarmos a “chegada do estranho”, citada por Herculano, em uma comparação com as consequências das perdas causadas pela emergência climática em “Rios voadores”, percebemos a pressão causada pelo agronegócio que provavelmente se instalou em Buriti Pequeno, priorizando os mais ricos e evidenciando os impactos que essas comunidades sofrem com o “desenvolvimento” do país e a expansão das fronteiras agrícolas.

A respeito do racismo ambiental evidenciado em Buriti Pequeno, um breve relato corrobora com essa afirmativa de negação do outro: “andando entre os flagelados, com as mãos para trás, o padre comenta que a prefeitura tem de se pronunciar logo sobre a situação. O povo precisa comer, beber água, se agasalhar. É necessária a ação imediata do município, ele diz, como se falasse ao prefeito” (Tort, 2021, p. 96). Isso pode ser imputado aos reflexos da ausência de uma política social e ambiental mais efetiva.

Em uma referência ao Antropoceno, a era geológica que sucede ao Holoceno, Malcom Ferdinand destaca que a fratura provocada pelas ações humanas afeta de forma

duradoura os ecossistemas da Terra e vai além disso:

Por outro lado, tal fratura abrange também uma homogeneização horizontal e esconde as hierarquizações internas de ambas as partes. De uma parte, os termos “planeta”, “natureza” ou “meio ambiente” escondem a diversidade de ecossistemas dos lugares geográficos e dos não humanos que os constituem. As imagens de florestas luxuriantes, montanhas nevadas e reservas naturais mascaram as imagens das naturezas urbanas, das favelas e das plantações (Ferdinand, 2022b, p. 24).

A linguagem e as representações visuais muitas vezes simplificam e homogeneizam conceitos como “planeta”, “natureza” e “meio ambiente” e tendem a obscurecer a diversidade e as complexidades dos ecossistemas e das realidades sociais de um lugar. Tais representações podem servir para ocultar realidades não idílicas, como a presença de plantações, expansões urbanas que muitas vezes são representadas por favelas, assentamentos, acampamentos e outras formas de moradias em espaços sem uma política habitacional digna e que são frequentemente negligenciadas ou estigmatizadas.

Em uma visão apocalíptica pós-tempestades, não restaram construções públicas, casas ou granjas; o rio Amanaçu tomou a cidade e decretou o fim de Buriti Pequeno:

Pela manhã, quando o sol se levantar, abrirão as portas da igreja e descobrirão que todas as casas desapareceram. E todas as lojas, a praça, o coreto. Verão que não existe mais mercado, rodoviária, hospital, calçamento. Constatarão estupefatos que, à exceção da igreja dos pretos, não há mais nada. Apenas um único e imenso rio [...] (Tort, 2021, p. 98).

A emergência climática que afetou Buriti Pequeno revelou as implicações do Antropoceno, uma era em que as ações humanas com potencial impacto ambiental negativo vêm alterando as condições de vida na Terra. Neste ponto, é importante ressaltar que os rios voadores da Amazônia podem não ter sido a causa principal do caos, mas o resultado de um conjunto de ações antrópicas destrutivas que culminam com o surgimento de eventos climáticos extremos.

Destacamos, portanto, o papel crucial da literatura em dar significado às questões ambientais, como a crise climática caracterizada pelo aumento global da temperatura da Terra, que está estritamente relacionado ao uso excessivo de combustíveis fósseis e às atividades de exploração da natureza.

4 Algumas considerações...

Poderíamos trazer para o centro das discussões inúmeras obras literárias que repercutem cenários ambientais de destruição, sobretudo quando o assunto remete a extremos climáticos, consequências de ações antrópicas com poder de destruição que afetam todas as formas de vida na Terra. Em um contexto no qual vivenciamos urgências climáticas, em tom de “denúncia poética”, lemos obras que dialogam com saberes ecológicos presentes na literatura brasileira contemporânea, como foi o caso especial de *Erva brava*. E, ainda que brevemente, trouxe as narrativas de Eliane Brum, Morgana

Kretzmann, Daniel Galera, Natalia Borges Polezzo, Joca Terron, a fim de evidenciar que essas produções literárias nos trazem para o cerne das questões que corroboram os saberes ecológicos, cada vez mais presentes na literatura brasileira contemporânea, bem como de outros países. Trata-se de narrativas que vão além de meros cenários de idílicas belezas, apresentando a Natureza como um corpo que vem sucumbindo aos propósitos da pressão sobre os recursos naturais, a vida humana e a não humana. As discussões buscaram demonstrar o quanto a literatura brasileira nos apresenta possibilidades de reflexões que expõem uma fratura ambiental e suas raízes sociais, econômicas e políticas.

Sigrid Nunez diz não acreditar que a literatura possa mudar o mundo; no entanto, ao dizer que romancistas e, por conseguinte, a literatura, iluminam e exploram um dado momento histórico, em certa medida, podemos vislumbrar nesse movimento o que Agustoni nos diz sobre a “denúncia poética” e, sim, acreditar em possíveis mudanças.

É uma luz que muitos escritores e escritoras da literatura brasileira contemporânea jogam nesse momento histórico de tantas incertezas e previsões catastróficas. Estão atentos e atentas, “infiltrados” – para lembrar Glotfelty –, são obras literárias, lidas à luz da ecocrítica, que não vão salvar o mundo, mas decerto nos ajudarão a pensar ou, como diz Mendes (2020), vão nos ajudar a tomar consciência e, por conseguinte, nos levar a possíveis mudanças de atitudes. Isso, por acaso, não seria, em certa medida, salvar o mundo? Salvar o mundo da ignorância já é um bom começo e um bom lugar para começar é tomando consciência de que não há fronteiras entre natureza e cultura. Aliás, não há natureza e cultura, e sim natureza-cultura, porque “Carne e significante, corpo e palavras, histórias e mundos estão unidos nas naturezas-culturas” (Haraway, 2021, p. 17).

Referências

AGUSTONI, Prisca. Prisca Agustoni, professora da UFJF, vence Prêmio Oceanos. *Tribuna de Minas*, 23 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/08-12-2023/prisca-agustoni-professora-da-ufjf-vence-premio-oceanos.html>. Acesso em: 30 jun. 2025.

AGUSTONI, Prisca. *O gosto amargo dos metais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

BORGES, Ernesto Pinheiro. Irreversibilidade, desordem e incerteza: três visões da generalização do conceito de entropia. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 21, n. 4, p. 453-463, 1999.

BRUM, Eliane. *Banzeiro okotó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CÔRTEZ, Pedro Luiz. COP28 não negocia medidas mensuráveis para realizar transição energética. *Jornal da USP*, 15 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/cop-28-nao-negocia-medidas-mensuraveis-para-realizar-transicao-energetica>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CRUTZEN, Paul Josef. The Anthropocene. In: EHLERS, Eckart; KRAFFT, Thomas. (Orgs.). *Earth system science in the Anthropocene: emerging issues and problems*. Berlin: Springer, 2006.

FERDINAND, Malcom. Entrevista concedida a Ruan de Sousa Gabriel. *O Globo*, 18 de julho de 2022a. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/07/em-livro-filosofo-frances-explica-por-que-as-lutas-ecologica-e-antirracista-sao-indissociaveis.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2025.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022b.

GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GARRARD, Greg. *Ecocriticism: The New Critical Idiom*. London: Routledge, 2004.

GHOSH, Amitav. *O Grande desatino*. São Paulo: Quina, 2022.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. London: University of Georgia Press, 1996.

HARAWAY, Donna. Entrevista concedida a Emanuelle Coccia. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 13 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634871-a-natureza-deveria-ser-uma-reserva-de-pureza-de-inocencia-diversa-essencialmente-do-homem-entrevista-com-donna-haraway>. Acesso em: 30 jun. 2025.

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Tentacular thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. In: HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.

HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. *INTERFACEHS: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, São Paulo, n. 1, p. 1-20, 2008.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRETZMANN, Morgana. *Água turva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

LEFF, Enrique. *Ecologia política: da desconstrução do capital à territorialização da vida*. Tradução de Jorge Calvimontes. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

MARENGO, José A.; SOUZA JUNIOR, Carlos. *Mudanças Climáticas: impactos e cenários para a Amazônia*. São Paulo: Alana, 2018.

MBEMBE, Achille. Entrevista. In: *Reviravolta de Gaia*. Mariana Lacerda e Rivane Neuenschwander (Org.). São Paulo. N-1 edições, 2023.

MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

MENDES, Maria do Carmo. No princípio era a natureza: percursos da ecocrítica. *Revista Anthropocena: Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*, Braga, v. 1, p. 91-104, 2020.

MOORE, Jason. *Capitalism in the web of life: ecology and the accumulation of capital*. London: Verso Books, 2015.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NOBRE, Antonio. Rios voadores: fenômeno natural leva umidade da Floresta Amazônica para outras regiões. 6min22s. *Canal Repórter Eco*. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/OR0tXcOTZDw?feature=shared>. Acesso em: 18 jun. 2025.

NUNEZ, Sigrid. Edição 265. A graça nos tempos sombrios. *O Rascunho, Jornal de literatura do Brasil*, Curitiba, 3 de maio de 2022. Disponível em: <https://rascunho.com.br/tag/edicao-265>. Acesso em: 8 jun. 2025.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RENTAS. Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres. *Rencntas*, 2024. Disponível em: <https://rencntas.org.br>. Acesso em: 30 jun. 2025.

RIBEIRO, Marilene. Refugiados ambientais: o que pode a fotografia nos contar? *Festival de Fotografia de Paranapiacaba*, 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.ffparanapiacaba.com.br/post/refugiados-ambientais-o-que-a-fotografia-pode-nos-contar>. Acesso em: 30 jun. 2025.

STEFFEN, Will; CRUTZEN, Paul Jozef; MCNEILL, John R. The Anthropocene: are humans now overwhelming the great forces of nature? *Ambio-Journal of Human Environment Research and Management*, 36(8), p. 614-621, 2007.

TERRON, Joca Reiners. *A morte e o meteoro*. São Paulo: Todavia, 2019.

TORT, Paulliny. *Erva brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.